

A PERCEÇÃO DOS DISCENTES DO ENSINO MÉDIO SOBRE A GEOGRAFIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS AULAS PRESENCIAIS E REMOTAS DA ESCOLA ESTADUAL MONSENHOR CLÓVIS DUARTE DE BARROS

THE PERCEPTION OF HIGH SCHOOL STUDENTS ABOUT GEOGRAPHY: AN ANALYSIS FROM THE CLASSROOM AND REMOTE CLASSES OF THE MONSENHOR CLÓVIS DUARTE DE BARROS STATE SCHOOL

Submetido em 26 de julho de 2020

Aceito em 23 de setembro de 2020

Ronaldo Rodrigues de Melo Junior

ronaldorodriguesdemelojunior@hotmail.com

Universidade Estadual de Alagoas

União do Palmares – Alagoas – Brasil

Jose Lidemberg de Sousa Lopes

jlidemberg@yahoo.com.br

Universidade Estadual de Alagoas

União do Palmares – Alagoas – Brasil

Resumo

O presente trabalho propõe analisar a percepção dos discentes sobre a Geografia, a partir de um estudo de caso com os alunos da Escola Estadual Monsenhor Clóvis Duarte de Barros, localizada na cidade de União dos Palmares, Alagoas. Trata-se do resultado de uma pesquisa realizada por intermédio do Programa de Iniciação à Pesquisa Científica – PIBIC, da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas – FAPEAL. Esperamos que esta pesquisa contribua para discussões sobre a importância e os desafios dos docentes em dar relevância e significância aos conteúdos ministrados em aulas presenciais ou remotas, pois os resultados apontaram para alunos desmotivados em aprender a Geografia.

Palavras-chave: Ensino presencial; Ensino remoto; Educação; Geografia

Abstract

The present work proposes an analysis through the perception of students about geography, from a case study with students of the Monsenhor Clóvis Duarte de Barros State School located in the city of União dos Palmares, Alagoas. This is the result of a research conducted through the Program of Initiation to Scientific Research - PIBIC, of the State University of Alagoas - UNEAL, with the funding of the Foundation for Research Support of the State of Alagoas - FAPEAL. We hope, with this research, to be able to contribute to talks about the importance and challenges of teachers in giving relevance and significance to the contents taught in face-to-face or remote classes, because the results pointed to students who were unconcerned in learning geography.

Keywords: Classroom teaching. Remote teaching. Education. Geography

Introdução

O presente trabalho propõe analisar a percepção dos discentes sobre a Geografia, a partir de um estudo de caso com os alunos da Escola Estadual Monsenhor Clóvis Duarte de Barros, localizada na cidade de União dos Palmares, Alagoas. A pesquisa ocorreu entre agosto de 2019 a março de 2020. Esperamos, assim, contribuir com a discussões sobre a importância e os desafios dos docentes em dar relevância e significância aos conteúdos ministrados em aulas presenciais ou remotas, pois os resultados apontaram para alunos despreocupados em aprender a Geografia.

A disciplina compõe um dos saberes escolares, mostrando-se, juntamente com outros conhecimentos, um conteúdo fundamental na compreensão da realidade a partir das diferentes percepções espaciais desenvolvidas seja por professores e/ou alunos no contexto de suas vivências. Entende-se que as percepções sobre o espaço geográfico, enquanto objeto de estudo da Geografia, devem ser compreendidas como uma dinâmica da atividade humana que o constitui. Nesse cenário o professor Milton Santos define espaço geográfico como

objeto de estudo da Geografia, deve ser “considerado como um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento. O conteúdo (da sociedade) não é independente de forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração do conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento. (SANTOS, 2012, p. 30 e 31).

Portanto, os diferentes significados que essas atividades poderão proporcionar aos sujeitos estão intimamente atrelados à maneira como cada ser humano vivencia esta produção espacial. Ou seja, a maneira como cada indivíduo participa e, por conseguinte, se apropria do espaço geográfico que conduz a uma compreensão mais profunda de sua realidade, proporcionando significados únicos às relações espaciais.

Concordamos com Carlos (1996, p.25) quando declara que todo conhecimento surge da interação que cada indivíduo estabelece no decorrer de sua existência. A dimensão do vivido, do experimentado estabelece relações subjetivas que proporcionam a construção de relações de pertencimento, identidades ou mesmo estranhamentos e repulsas. Porém, sejam essas apreensões de aceitação ou de rejeição, o fato que atribui relevância a tais relações é que foram produzidas na vivência espacial, possuindo como motor propulsor a experiência humana.

Nesse sentido, a escola constitui um espaço dinâmico, marcado por um constante movimento, onde as decisões tomadas no dia a dia, sejam pedagógicas, administrativas ou políticas, interferem diretamente na vida dos sujeitos imersos em sua estrutura. Encontramos hoje a Lei nº 13.415/2017 que alterou a estrutura do ensino médio na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN. Uma dessas mudanças ampliou o tempo mínimo do estudante na escola de 800 horas para 1.000 horas anuais (até 2022) e definiu uma nova organização curricular, visando contemplar a Base Nacional Comum Curricular – BNCC. A alteração tem como um de seus objetivos aproximar as escolas à realidade dos estudantes, considerando as novas demandas e complexidades do mundo do trabalho e da vida em sociedade.

Em vista disso, devemos priorizar o que é relevante, o que agrega potencial de significados para os sujeitos. De forma geral, quando estamos motivados a aprender algo, transpomos a esfera da memorização, vivenciando, sentindo e experimentando novas formas de conhecimento. Para além dos limites da escola, com suas normatizações e seus parâmetros curriculares, uma aprendizagem que prioriza a significância se preocupa com os sujeitos, o alcance diferenciado ao conhecimento, já que as trajetórias individuais são únicas, pois cada sujeito possui sua individualidade, dotada de subjetividades que devem ser respeitadas. Nesse sentido, ações que se dispõem a respeitar essas individualidades devem ser executadas atenciosamente, atentando para

a carga histórica dos sujeitos e dos espaços aos quais estes se inserem. Porque é preciso respeitar os ritmos e os estágios de aprendizagem de cada indivíduo.

Frente a esse fato, priorizar atividades que permitam superar processos restritos a escutar, ler, decorar e repetir são fundamentais, uma vez que possibilitam romper com visões reducionistas sobre aprendizagem, dando lugar a processos que priorizam a investigação, a problematização, a argumentação, a criatividade dentre outras. É preciso uma metodologia que consiga segurar a atenção dos alunos, principalmente daqueles que possuem a concepção de que a Geografia é uma disciplina decorativa, chata e desnecessária (LACOSTE, 2016).

Metodologia

Um dos grandes desafios atuais em termos de educação é conseguir dar significância ao conteúdo ministrado aos discentes do Ensino Médio, ou seja, que a informação disposta pelo professor ultrapasse processos como a memorização e a ideia preconceituosa de que a Geografia é uma disciplina inútil. Sendo assim, devemos priorizar o que é relevante, o que agrega potencial de significados para os sujeitos.

Cabe ao professor encontrar metodologias que possibilitem desenvolver novos procedimentos capazes de alcançar processos de aprendizagem, bem como a produção do conhecimento que desperte o interesse dos discentes pela Geografia. Assim, a presente pesquisa aderiu a um viés qualitativo, que conforme Paulilo (1999, p. 135)

[...] trabalha com valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e adequa-se a aprofundar a complexidade de fatos e processos particulares e específicos a indivíduos e grupos. A abordagem qualitativa é empregada, portanto, para a compreensão de fenômenos caracterizados por um alto grau de complexidade interna.

A metodologia da pesquisa foi dividida em dois momentos distintos: primeiro, por meio da aplicação presencial de 39 questionários semiabertos aos discentes da turma C do 2º ano do ensino médio da Escola Estadual Monsenhor Clóvis Duarte de Barros (figura 1). Os questionamentos foram para conhecer a importância da disciplina geografia para o alunado, e que a mesma é interessante e atrativa. O que a mesma contribui para o cotidiano dos discentes da turma.

Figura 1 – Mapa de Localização da Escola Estadual Monsenhor Clóvis Duarte de Barros



Fonte: Google Maps Satélite. Elaboração: Francisco Régis Barbosa Capistrano e José Lidemberg de Sousa Lopes, 2020.

A Escola Estadual Monsenhor Clóvis Duarte de Barros localizada na rua Jardim Brasília, nº. 80, Centro em União dos Palmares - Alagoas, contempla o ensino médio regular e a educação de jovens e adultos (EJA), sendo 1.364 alunos matriculados no ensino regular e 285 no EJA em um total de 1.650 alunos. Em seu quadro de profissionais tem 88 docentes entre efetivos e contratados. O prédio tem 14 salas de aulas, uma biblioteca, quadra poliesportiva, refeitórios e banheiros. A estrutura física da escola é bastante ampla o que facilita atividades que necessitem utilizar espaços extras sala de aula.

Quadro 1 - Perguntas aplicadas aos discentes antes da Pandemia da Covid-19

Questionário semiaberto aplicado na escola
1. Qual a importância da Geografia? Justifique a sua resposta () Não é importante () Muito importante () Não sei
2. Como tornar a Geografia uma disciplina atrativa/interessante?

Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

No segundo momento, os questionários foram aplicados por intermédio do aplicativo de troca de mensagens WhatsApp, em 2020, por consequência da pandemia da Covid-19. Enfrentamos certa dificuldade na aplicação dos questionários nessa segunda fase, pois muitos alunos não quiseram responder, visualizavam as mensagens e as ignoravam, resultando numa quantidade inferior à desejada a princípio de alunos participantes, totalizando apenas 7 respostas dos 39 alunos da turma que compõem o nosso *corpus* do trabalho.

Quadro 2 - Perguntas aplicadas aos discentes no período da Pandemia da Covid-19

Questionário semiaberto aplicado por intermédio do WhatsApp
1. Como está sendo a sua experiência com as aulas remotas? Justifique a sua resposta. Boa() Ruim()
<hr/>
<hr/>

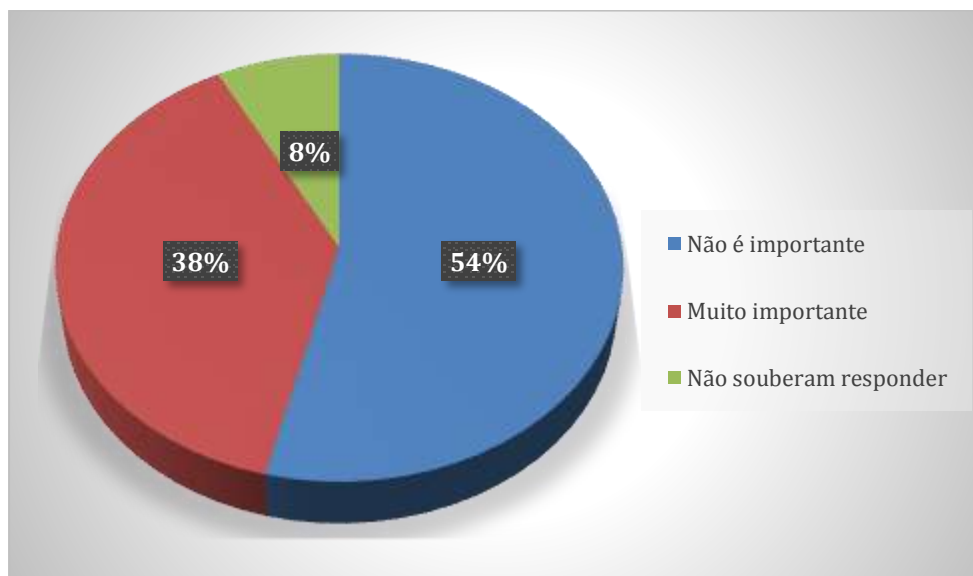
Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

Resultado e discussão

Quando aplicado o questionário semiaberto na escola sobre o pergunta “Qual a importância da Geografia? Justifique a sua resposta” 21 discentes responderam que a disciplina não tinha importância, consideravam-na uma disciplina chata e cheia de decoreba, por esse motivo não entendiam o objeto de estudo da Geografia, devido a apresentação de assuntos diversificados, ou seja, por tratar dos rios, das cidades, das florestas, da história do mundo, da economia, da política, dos países etc.

Os discentes deram a entender que a disciplina não possuía um objeto específico de estudo. Apenas 15 deles responderam que a Geografia era importante e que a mesma se preocupava em “estudar a terra em que vivemos” ou “o espaço geográfico”; e 3 não marcaram nenhuma opção disponibilizada no questionário. O resultado exemplifica a falta de interesse dos alunos pela disciplina (gráfico 1).

Gráfico 1 – Qual a importância da Geografia? (%)



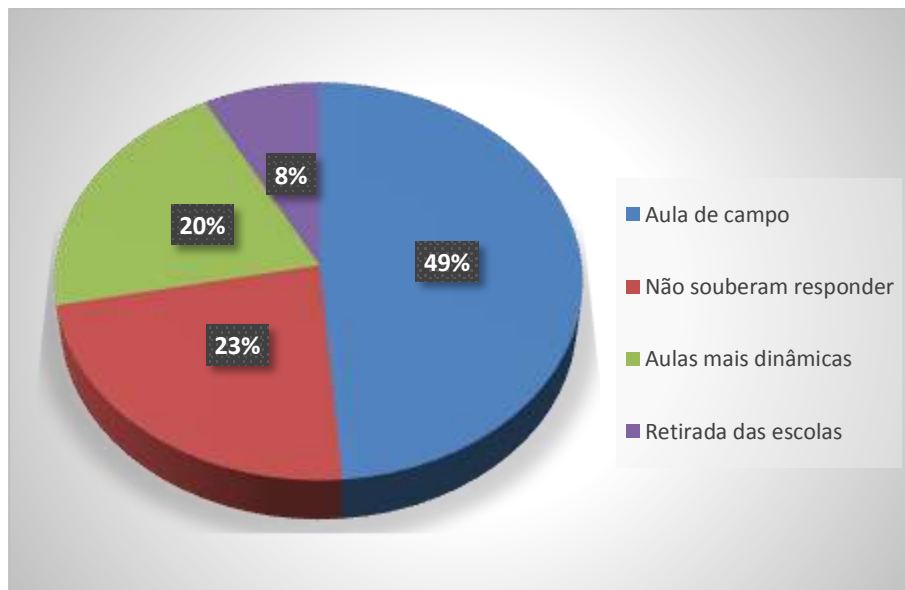
Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

Afinal, como se interessar por uma ciência da qual não conseguem compreender sua finalidade e sua importância? Esse questionamento não deve ser entendido apenas no contexto da disciplina Geografia, as falas dos alunos se estendem às demais disciplinas, exigindo uma reflexão urgente sobre que escola estamos a oferecer a sociedade. Não estaria essa instituição ainda nos moldes tradicionais? Um saber concentrado na ação do professor dotado de repetições e condicionamentos, enquanto a sociedade em geral, a qual o aluno está inserido é marcada pela rapidez e a fluidez de informações que dentro da realidade de hoje dinamiza, democratiza o saber e acima de tudo impõe padrões dos quais a escola ainda se mostra leiga e ausente. Cabe, portanto, refletir sobre o que estamos a ensinar e o que nossos alunos estão a aprender.

Retomando o relato da aplicação do questionário semiaberto aos discentes, a segunda pergunta foi “Como tornar a Geografia uma disciplina atrativa/interessante?” 19 discentes responderam que seria possível por meio da aula de campo; 9 não souberam responder a indagação; 8 deles relataram que por meio de aulas mais dinâmicas, envolvendo jogos, vídeos e brincadeiras; e 3 responderam que a Geografia deveria ser retirada das escolas, pois é uma disciplina “chata”, “insuportável” e “desnecessária”.

Observamos assim (ver gráfico 2), a necessidade de tornar a Geografia uma disciplina mais atrativa para os alunos, em razão de que a pedagogia tradicional, cuja forma de aprendizagem consiste no ato de o professor falar e do aluno ouvir, não supre as exigências dos discentes, provocando a inconsistência dos saberes geográficos transmitidos pelo docente.

Gráfico 2 - Como tornar a Geografia uma disciplina atrativa/interessante? (%)



Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

Salas lotadas, falta de equipamentos educativos, infraestrutura precária, professor sobrecarregado de atividades escolares, tudo isso influencia diretamente nessa concepção negativa dos alunos sobre a disciplina, fazendo com que seja apreendida pela maioria como mero componente curricular, sem ao menos se preocupar em entender seu conteúdo e sua significância para o desenvolvimento de um sujeito pensante, crítico.

A partir dessa compreensão, a segunda etapa da pesquisa buscava propor atividades (rodas de conversas, grupos focais, debates etc.) no interior da escola, embasadas em discussões sobre determinados conteúdos que mobilizassem uma reflexão sobre a realidade dos discentes, a partir de assuntos ministrados na disciplina de Geografia e que estabelecessem diálogo com as demais “ciências humanas”, contextualizando a realidade do município de União dos Palmares - AL.

Entretanto, não esperávamos que em 2020 a população mundial, do Brasil, de Alagoas, e de União dos Palmares passaria meses dentro de casa, com o fechamento de academias, lojas, parques e shoppings, nem mesmo as escolas foram poupadas. Tudo isso para evitar a propagação de um vírus. Por isso, acabamos prosseguindo um caminho inesperado em nossa investigação, a conjuntura vivenciada não só em Alagoas, mas no Brasil, impôs novas perspectivas de análise, dado que a educação pública, marcada pelas aulas presenciais, está passando por um processo de metamorfose “forçado” para o ensino remoto. Essa medida adotada pelo governo do estado procurou minimizar as perdas dos alunos com a suspensão de atividades escolares.

As instituições de ensino são orientadas a aproveitarem em ampla escala as ferramentas de tecnologia educacional, como por exemplo as plataformas e ambientes virtuais de ensino, para garantir os processos pedagógicos de aprendizagem. [...] Todo esse esforço se faz para manter os estudantes em um ritmo de estudo, mesmo estando distantes do espaço físico da escola (ANEC, 2020).

Os desafios são enormes para implantar tal modalidade de ensino nas escolas públicas do estado. É preciso vencer dois obstáculos básicos, o primeiro a falta de preparação técnica dos professores para lecionar por meio do uso da internet; o segundo é ampliar o acesso à internet de qualidade para os discentes da rede estadual de ensino. Conforme o site *Gazeta Web* (2020), a pesquisa do IBGE, por meio da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), em 2018, revelou que o percentual de domicílios conectados à internet em Alagoas era de 67,1%. Portanto, implantar um ensino virtual não é uma tarefa fácil, pois há o risco de negligenciar os grupos sociais mais vulneráveis.

Para Porto (2007 *apud* SANTOS 2017, p. 139-140),

[...] o conceito de vulnerabilidade está referido a grupos sociais específicos que se encontram em um dado território, expostos a um determinado fenômeno e fragilizados quanto a sua capacidade de compreender e enfrentar esses riscos. Ainda, segundo o autor, essa característica torna a vulnerabilidade um conceito-chave para uma análise integrada e contextualizada dos riscos, por trazer à tona, simultaneamente, questões éticas, políticas, físicas e técnicas que conformam a distribuição espacial dos riscos e a capacidade das populações em enfrentá-los.

A exclusão dos desprovidos de acesso à internet caracteriza um grupo social exposto ao fenômeno da vulnerabilidade, que pode acentuar a desigualdade socioeconômica no território alagoano. De acordo com Veiga (2003), a sociedade moderna convive com contradições do desenvolvimento tecnológico caracterizado pelos avanços dos meios de informatização, mas ao mesmo tempo, com a crescente desigualdade e exclusão dos desprovidos de capital e sua desumanização.

Nesse contexto, “a sala de aula é parte de um todo, está inserida em uma instituição educativa, que por sua vez, está filiada a um sistema educacional, que também é parte de um sistema socioeconômico, político e cultural mais amplo” (VEIGA, 1989, p. 117). Sendo assim, seria impossível negligenciar o impacto do Novo Coronavírus na educação alagoana, pois ela está inserida em um cenário mais amplo. A pandemia ocasionou a expansão das aulas remotas em todo o estado. Entretanto, essa forma de ensino foi implantada de forma improvisada e sem nenhum tipo de planejamento prévio.

A indagação que devemos fazer a partir desse momento é como desenvolver aulas dinâmicas para tal modalidade de ensino, tendo em vista as dificuldades de acesso à internet pelos discentes e a falta de preparação técnica dos professores. Mais uma vez, a pesquisa do IBGE, disponibilizada pelo site *Gazeta Web* (2020), por meio da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), em 2018, revela que dos 67,1% domicílios que possuíam acesso à internet, apenas 33,6% possuíam computador em casa, e que o celular era o equipamento mais utilizado, aproximadamente 99,6% dos domicílios pesquisados acessavam a internet por meio do celular. Essa estatística foi constatada na escola pesquisada, onde os docentes receberam instruções da gestão escolar para criarem grupos no WhatsApp e, por meio deste, encaminhar as atividades aos alunos.

Quadro 3 - Fragmento retirado do Regime Especial de Atividades Escolares não Presenciais – REAEN (Alagoas)

AVALIZAÇÃO:

Todos vocês deverão prestar atenção na participação do grupo de whatsApp, nos momentos agendados para o atendimento no privado e os registros no diário de bordo (caderno). Vocês serão avaliados por todos esses meios citados. Bom estudo!

Fonte: Secretária de Educação (SEDUC), 2020.

Acompanhamos 7 alunos durante as primeiras semanas de aulas remotas oferecidas pela instituição de ensino, observando também as atividades pedagógicas desenvolvidas pelo professor de Geografia. Posteriormente, por meio do WhatsApp, aplicamos um questionário semiaberto aos estudantes relacionado às aulas remotas. Uma das questões foi “Como está sendo a sua experiência com as aulas remotas? Justifique a sua resposta.” 6 dos entrevistados responderam “ruim”, que a experiência tem sido conturbada, e que na maioria das disciplinas a compreensão está mais demorada. Apenas 1 dos entrevistados respondeu “boa”, o mesmo relatou que conseguiu mais flexibilidade.

É importante frisar que o estado de Alagoas é uma das unidades federativas que apresenta um dos maiores índices de evasão escolar do país. Vários motivos levam os alunos a abandonar os estudos, um deles é a desmotivação, a escola não consegue adequar os conteúdos às necessidades dos jovens do Ensino Médio. Há necessidade de atribuir significância e relevância ao conteúdo ministrado em sala de aula, pois muitos alunos têm a escola como um lugar chato e de perda de tempo. Com a implatação das aulas remotas no Ensino Médio, por intermédio do aplicativo WhatsApp, essa sensação de “perda de tempo” entre os alunos aumentou. Como afirma aluna X:

Têm alguns alunos, professor, que possuem acesso à internet, porém, muitos dizem que não tem para não estudar. Ninguém tem paciência, é muito chato! Na escola não tínhamos a oportunidade de “fugir”, agora em casa ficou mais fácil de ignorar as aulas. Eu só abro o meu WhatsApp quando eu tô com vontade de estudar, quando eu não quero nem entro no grupo da escola. (Aluna X, março/2020)

Em nenhum momento procuramos construir uma crítica à instituição de ensino pesquisada, entretanto, sabemos que, algumas vezes, algum resultado apresentado pode causar “desconforto” para os envolvidos. Sendo assim, ressaltamos a nossa intenção de disponibilizar uma análise que possa contribuir para o enfrentamento do desafio de oferecer um ensino eficaz que consiga prender a atenção do discente, quebrando a antiga forma pautada na memorização e na repetição. Nessa perspectiva, precisamos refletir sobre a questão, pois uma possível solução pode minimizar a evasão escolar, dentre outros desafios a serem superados pela educação pública.

Segundo um estudo feito por Ricardo Paes de Barros, economista-chefe do Instituto Ayrton Senna, em parceria do Insper com a Fundação Roberto Marinho divulgado pelo site BBC NEWS BRASIL, em 2020, o país perde R\$ 372 mil por ano com cada aluno que abandona a escola. O total do custo anual da evasão escolar é de R\$ 214 bilhões, ou 3% do PIB (Produto Interno Bruto).

Isso porque os jovens que têm a educação básica completa passam, em média, mais tempo de sua vida produtiva ocupados e em empregos formais, com maior remuneração; têm maior expectativa de vida com qualidade — estima-se que cada jovem com educação básica viverá quatro anos de vida a mais que um jovem que não terminou a escolaridade — e tendem a ter um menor envolvimento em atividades violentas, como homicídios (BBCNEWS BRASIL, 2020).

A baixa escolaridade e a baixa qualidade da educação pública brasileira reforça as desigualdades no país e perpetua um ciclo contínuo de criminalidade, intolerância, baixa produtividade científica, ineficiência econômica, altos gastos com a saúde pública etc. É preciso, portanto, quebrar esse ciclo produtor de desigualdades a partir de uma educação de qualidade.

Observou-se na escola-campo de pesquisa, durante as aulas presenciais e remotas, atividades pedagógicas meramente dotadas de repetições e condicionamentos. Em nenhum momento houve a preocupação em contextualizar os assuntos com a atualidade vivenciada pelo aluno, temas como a pandemia do Covid-19 foram tratados, mas desconexos com a Geografia, não permitindo ao aluno se indagar sobre a relação da disciplina com a doença. A violência policial contra os negros não foi abordada, algo que, contraditoriamente, deveria ser priorizado, afinal o município de União dos Palmares é o “berço da liberdade”, terra de Zumbi e Dandara, símbolos da resistência negra contra a escravidão.

Sendo assim, propomos que as atividades pedagógicas introduzam exemplos locais e pertinentes da vida dos estudantes com o seu meio, utilizando as degradações ambientais visíveis da cidade e suas consequências para a população local que ocasionaram a poluição do rio Cana Brava; do desmatamento da Mata Atlântica que, conseqüentemente, acentuaram desastres ambientais ao longo da história da cidade, como a enchente de 2010 ou a crise de abastecimento de água em 2016; fazer a contextualização da pandemia com a intensificação do desemprego no estado de Alagoas; utilizar o parque Memorial Quilombo dos Palmares como ferramenta pedagógica, tratando de questões étnicas e culturais, ou a gênese do racismo, segregação e violência contra os negros. Enfim, os temas que podem iluminar as aulas de Geografia no contexto de União dos Palmares são muitos e os mais variados.

Trabalhar nas aulas essa aproximação da espacialidade local dos estudantes com as espacialidades regionais, nacionais e global atribui mais sentido ao ensino da Geografia Escolar, pois estes terão a oportunidade de compreender que muitas coisas consideradas “comuns” do seu cotidiano, de alguma forma, se entrecruzam com a Escala Geográfica. Existindo a possibilidade de ser entender que um fenômeno físico e/o/ social tanto pode ser percebido, analisado e interpretado em escala local, quando pode ser percebido, analisado e interpretado multiescalarmente. (ARAGÃO, 2019, p. 100)

Não podemos apenas utilizar o currículo oficial escolar, é preciso também o currículo real, que procura inserir um ensino-aprendizagem não-formal que transmita saberes da realidade vivida do aluno na tarefa de oferecer um ensino que cumpra o seu papel social de formar cidadãos emancipados e autônomos cognitivamente perante uma “civilização moderna”, com uma crescente crise ética e moral (LIBÂNEO, 2018).

Dessa forma a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) orienta as escolas a incluir no currículo a realidade dos discentes, procurando aproximar o conteúdo ministrado em sala de aula à vida cotidiana, pois um dos grandes desafios hoje em educação é manter os alunos nas escolas e trazer relevância aos conteúdos lecionados é uma das saídas para minimizar o problema.

Considerações finais

Diante do exposto acima, acreditamos que o presente trabalho possibilitará uma maior reflexão dos docentes de Geografia sobre as metodologias de ensino direcionadas aos discentes do

Ensino Médio. Partindo do pressuposto de que o ensino dessa disciplina não pode ser limitado apenas a uma sala fechada e pautada na memorização de conteúdo. É preciso que o docente desenvolva metodologias que despertem o interesse dos sujeitos pela aprendizagem da disciplina em ambas modalidades de ensino abordadas neste trabalho.

A pesquisa acerca da percepção do ensino de Geografia dos alunos no Ensino Médio apontam para a necessidade de se repensar a formação de professores de Geografia, indicando uma falta de preparação na formação docente para enfrentar os desafios atuais da educação. É preciso um programa sólido e de longo prazo de cursos de formação continuada para os professores mais antigos no tocante as novas metodologias de ensino e das novas ferramentas tecnológicas.

As universidades têm uma grande responsabilidade nesse processo, pois precisam implementar nos currículos so cursos de licenciatura disciplinas que possam contribuir na formação dos futuros docentes para o uso das novas tecnologias no ensino-aprendizagem da Geografia, além do aprimoramento dos discentes em novas práticas pedagógicas. Observamos que a antiga didática baseada meramente em transmitir conteúdos não supre as necessidades dos alunos.

Não podemos esquecer do papel fundamental do estado de Alagoas como provedor dos meios necessários à melhoria da educação pública. Constantemente as escolas sofrem com a infraestrutura precária de suas instalações, a desvalorização dos professores, ou até mesmo a falta desses profissionais nas escolas. Portanto, esses obstáculos devem ser superados pelo governo do estado, visto ser preciso olhar a educação pública com mais atenção.

Por fim, espera-se ainda que, por meio deste trabalho possamos auxiliar no aprendizado dos alunos em relação à compreensão do mundo ao seu redor, partindo do contexto escolar, em especial do ensino de Geografia, levando-os a relacionar seu espaço vivido com os conteúdos ministrados nessa disciplina. Em virtude dos desafios encontrados no ensino atual, tornam-se necessários estudos que possibilitem compreender a inserção do aluno no processo de construção de um saber que encontre significância e aprimoramento da sociedade em geral.

Referências

ANEC (Site). Disponível em <<https://anec.org.br/noticias/desafios-para-educacao-em-tempos-de-pandemia/>> Acessado em 10 de Junho de 2020.

BBC NEWS BRASIL (Site). Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53476057/>> Acessado em 24 de Julho de 2020.

Base Nacional Comum Curricular -BNCC (Site). Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53476057/>> Acessado em 11 de Agosto de 2020.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo, SP: Hucitec, 1996.

PAULILO, M. A S. A pesquisa qualitativa e a história de vida. Serviço Social em Revista. Londrina, v.2, n. 2, p. 135-148, jul/dez.1999. <http://www.ssrevista.uel.br/n1v2.pdf> . Acesso em 26 de julho de 2016.

_____ A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7167-3-3-Geografia-realidade-escolar-lanasouza/file>

GAZETA WEB (Site). Disponível em <https://gazetaweb.globo.com/portal/noticia/2020/04/pesquisa-mostra-que-671-dos-domicilios-de-alagoas-tem-acesso-a-internet_104205.php> Acessado em 10 de Junho de 2020.

G1 (Site). Disponível em <<https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2020/03/17/escolas-estaduais-de-alagoas-e-municipais-de-maceio-suspendem-aulas-por-15-dias-mas-mantem-merenda-aos-alunos.ghtml>> Acessado em 10 de Junho de 2020.

GIFE (Site). Disponível em <<https://gife.org.br/planejamento-conectividade-e-tecnologia-quais-sao-os-principais-desafios-da-educacao-em-tempos-de-pandemia/>> Acessado em 15 de Junho de 2020.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**/ José Carlos Libâneo. 5 ed. Revista e ampliada – Goiânia, MF livros, 2008.

LACOSTE, Yves. **A Geografia - Isso serve em Primeiro lugar para fazer a Guerra**. São Paulo. Ed. Papyrus. 2016

MOREIRA, H. **Metodologia da Pesquisa para Professor Pesquisador**. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

PINHEIRO, A.C e ARAGÃO, W. A. **Formação de professores, metodologias e ensino de Geografia** / Organizadores Antônio Carlos Pinheiro e Wellington Alves Aragão. – 1. Ed. – Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2019.

SANTOS, Jader de Oliveira. **Fragilidade e riscos socioambientais em Fortaleza-CE** / Jader de Oliveira Santos – Fortaleza: Imprensa Universitária, 2017.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**. 6. Ed. São Paulo: Edusp, 2012.

SEDUC, Secretária da educação de Alagoas/ (PDF). Disponível em <file:///C:/Users/r/Pictures/escola%20clovis.pdf> Acessado em 10 de Junho de 2020.

VEIGA, Ilma Passos. **A prática pedagógica do professor de didática**. Campinas, SP. Papirus, 1989.